

Editar o *Macunaíma* de Mário de Andrade: retalhos e avesso

Telê Ancona Lopez
Tatiana Longo Figueiredo

I. UMA EDIÇÃO CRÍTICA PARA OS 50 ANOS DE *MACUNAÍMA*

A BULB, Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira, criada em 1977, foi um projeto arrojado de José Aderaldo Castello, diretor do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Publica, em 1978, a primeira edição crítica do *Macunaíma* de Mário de Andrade, realizada por Telê Porto Ancona Lopez. Impressa pela LTC, Livros Técnicos e Científicos, dedica-se inicialmente à recuperação de revistas brasileiras escolhidas e apresentadas por pesquisadores. São elas: *Lanterna Verde e o modernismo*, estudada por Roselis Oliveira de Napoli; *Rosa Cruz*, por Antonio Dimas; *Nova Cruzada*, assim como *Klaxon & Terra roxa e outras terras*, por Cecília de Lara; *Festa*, por Neusa Pinsard Caccese; *Novíssima: Estética e ideologia na década de vinte*, por Maria Lúcia Fernandes Guelfi. Aposta igualmente nas edições críticas: Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, preparada por Cecília de Lara; José de Alencar, *Senhora*, por José Carlos Garbuglio, e *Iracema*, reedição do trabalho de M. Cavalcanti Proença. Paralelamente, a BULB promove coletâneas de textos de teoria, crítica e história literária, de artigos sobre a língua portuguesa no Brasil e sobre biblioteconomia; além de *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para estudo*, por Ligia Chiappini de Moraes Leite.

Até 1959 pouco se estudava a crítica textual em sala de aula. É quando Antonio Candido, pioneiro, ministra a disciplina Introdução aos estudos literários, na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. As classes detinham-se com rigor nas principais questões da crítica textual, vinculadas à teoria e ao estudo de casos. Contavam com projeção de imagens e trabalhos práticos para sessões de estudos. Despertaram os alunos para o valor dos manuscritos e das edições em vida dos autores, da mesma forma para as edições críticas, na cadeia da criação e da difusão de obras literárias. O curso não foi repetido, mas os ensinamentos continuaram na cuidadosa apostila, *Noções de análise histórico-literárias*, cujas

cópias mimeografadas alcançaram mais estudantes e pesquisadores cientes da importância do conteúdo e da abordagem didática. A Humanitas, editora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), publicou-a em 2005.

Ilustrada com desenhos a guache de Pedro Nava oferecidos a Mário de Andrade, a primeira edição crítica de *Macunaíma o herói sem nenhum caráter* comemorou o cinquentenário do livro lançado em 1928. Proença pretendia fazer essa edição, mas, em 1966, mudou-se para o campo vasto do céu. Esse *Macunaíma* concretizado na BULB observou primeiramente a edição crítica de *Iracema* por M. Cavalcanti Proença e as edições resultantes da Comissão Machado de Assis. Valeu-se sobretudo do diálogo pontual com Antonio Candido e José Aderaldo Castello, apoiado nas três versões de texto integral impressas em 1928, 1937 e 1944, bem como nos excertos divulgados por jornais e revistas até o falecimento do autor, na noite de 25 de fevereiro, 1945. A essas versões convergiram aquelas em exemplares de trabalho, isto é, o texto que se renova em determinada unidade do livro por meio de modificações autógrafas do próprio escritor, e de subsídios no autógrafo de páginas iniciais da obra conservadas por Luís Saia, amigo de Mário.

A orientação de Antonio Candido, professor de Teoria Literária e Literatura Comparada na FFLCH-USP desde 1962, afora as quase solenes conversas, no IEB-USP, sobre problemas ditados por questões polêmicas no tecido das versões de texto – os cortes moralizadores do escritor no capítulo “Ci, Mãe do Mato” e o apagamento da tentativa de Macunaíma seduzir três normalistas –, corporificou-se nas *Noções de análise histórico-literárias*, junto ao empréstimo dos livros em que a apostila se escudara. Pasquali, Jannaco, Paul Maas, manancial de conceitos e prática. Giorgio Pasquali, na *Storia della tradizione e critica del testo*, transmitindo o direito à flexibilidade, no volume portador da lembrança de uma estadia feliz do Mestre em Roma, nos anos 1970. A orientação de Castello foi, principalmente a prontidão paciente para as dúvidas de uma afoita neófita interrompendo-lhe o trabalho no Instituto. E para ajudá-la nos embates durante a impressão da obra.

A edição crítica de 1978 trazia alguns avanços perante a crítica textual da época. Ainda que de modo incipiente, pensava como uma escritura em movimento o contínuo burilar do texto, destoando das expressões “definitiva” e “completa”, originalmente apostas aos manuscritos remanescentes, aceitas como rótulos pela filologia. No artigo “Travessia de uma edição crítica”, em 25 de fevereiro, 1979, a responsável pelo livro franqueia o *modus faciendi* ao leitor,

descerrando-lhe fontes primárias no trabalho realizado e facilitando-lhe o entrelaçar de aspectos da criação literária e da história, numa perspectiva de certo modo didática (Lopez, 1979).

O volume de 500 páginas, *in memoriam* de M. Cavalcanti Proença, compõe-se de “Introdução” assinada pela pesquisadora; “Bibliografia da edição crítica”; “Agradecimentos” e três partes. A “Introdução” apresenta as versões que concorreram para fixar o texto crítico da rapsódia, no cotejo das edições em vida:

- versão integral do texto impresso da 1ª. edição: São Paulo (Estabelecimento Graphico Eugenio Cupolo), 1928;
- versão integral do texto no “exemplar de trabalho” da 1ª. edição, com características de manuscrito, agregando, em 1936, copiosas e significativas rasuras a tinta preta ao texto impresso, destinada à 2ª. edição;
- versão integral do texto impresso da 2ª. edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1937;
- versão integral do texto no exemplar de trabalho da 2ª. edição, sujeitando quantidade menor e menos relevante de rasuras a tinta preta ao texto impresso, destinada à 3ª. edição (1944);
- versão integral do texto impresso da 3ª. edição ou a 1ª. nas Obras Completas, volume IV. São Paulo: Livraria Martins Editora (1944).

As versões de texto integral foram cotejadas com os fragmentos dos autógrafos guardados por Saia, os quais a edição crítica denominou “reliquias do texto”, e com excertos para divulgação:

- “Caso da cascata”, capítulo IV. *Verde*: Revista de Arte e Cultura, a. 1, nº 3; Cataguases, nov. 1927, p. 3;
- “Entrada de Macunaíma”, capítulo I. *Revista de Antropofagia*, a. 1, nº 2; São Paulo, jun. 1928, p. 3;
- “Macunaíma”, capítulo VII. *Diário Nacional*. São Paulo, 14 jun. 1928.

Quanto ao título da obra, evidenciaram-se as capas com título inteiro, captando o aposto especificativo, sem a vírgula:

- capa impressa da 1ª edição, 1928;
- capa do exemplar de trabalho da 1ª edição, 1928, corrige, acentuando “herói” a tinta preta;

- capa do nº 2294 da 3ª. edição com acréscimo a tinta preta, “o herói sem nenhum caracter”, e círculo contendo a advertência: “Exemplar corrigido para servir/a futuras reedições)/M.”; não teve os cadernos a espátula (1944 – fev. 1945).

Após o texto crítico, a edição LTC de *Macunaíma* inova nas “Variantes e comentários”, na classificação e no comentário crítico, atento para a estilística, exemplificados com o acréscimo “o bacororô a cucucogue” ao terceiro parágrafo, autógrafo a tinta preta no exemplar de trabalho que se afirma como manuscrito: “Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacororô a cucucogue, todas essas danças religiosas da tribo.”. No registro das variantes, chama-se a atenção para a mescla quanto à origem na qual Mário de Andrade situa seu personagem, um tapanhumas que vive na esfera do maravilhoso, levando-o a frequentar, em sua própria tribo, festas de várias nações indígenas (p. 152). Deste modo, “a integração do herói em sua cultura, no Uraricoera, aparece aqui muito bem na elaboração da frase, quando na enumeração, vemos o autor preocupado com o ritmo de sua prosa poética, ou seja, com o ‘canto’, no contar do seu narrador rapsodo. Seu trabalho de construção do discurso faz com que, depois de uma rima (‘poraCÊ’ – ‘toRÊ’, pretenda explorar a repetição de sílabas de modo a criar um efeito sonoro (onomatopaico) que sugere o som de instrumentos musicais primitivos em enumeração sem vírgulas, aglutinando assim os sons (‘bacoRORÔ’ – ‘CUCUicogue’).”.

A consciência estrutural e estilística que caracteriza a incursão do escritor ao longo das variantes convive com a censura puritana na recepção e a autocensura, quando Mário Andrade suprime, a tinta preta, no exemplar de trabalho da 1ª. edição, determinados aspectos em sequências relativas a sexo, no capítulo “III. Ci, Mãe do Mato”. Também quando reduz o número de capítulos, ao fundir o “XI. As três normalistas” e “XII. A velha Ceiuci”, banindo o episódio central do capítulo XI, o assédio de *Macunaíma* a “moças de família”.

Folheando a edição crítica de 1978, fomentam a revelação da escritura, quanto a etapas e trajeto, os fac-símiles que, na grafia do escritor, iluminam as “Relíquias do texto” e presentificam os trechos expurgados por Mário de Andrade, apondo-se a matéria inédita: fólios de duas versões de *Macunaíma*, ao lado de prefácios e notas de trabalho.

A segunda parte “Mário de Andrade: *Macunaíma/Macunaíma*” congrega considerações do autor sobre seu personagem e a obra, entre 1926 e 1945, na correspondência ativa, em entrevistas, nas anotações de leitura do ficcionista nas margens

do lendário indígena organizado por Theodor Koch-Grünberg, como segundo volume de *Vom Roroima zum Orinoco*, nas notas de pesquisa para a segunda edição, nos esclarecimentos para a tradução estadunidense e em crônicas na imprensa.

“A fortuna crítica”, terceira parte, escolhe textos nos 50 anos da avaliação do livro, elenco de artigos relevantes, bibliografia atualizada, relação das edições até 1978, excertos de traduções e “*Macunaíma*, matriz geradora”, como a arte que suscita a recriação na poesia, na prosa paródica, no cinema, no samba-enredo e nas artes plásticas. A edição crítica da BULB mostra-se fartamente ilustrada. Recupera manuscritos, capas das edições em vida, anúncios, cartazes, gravuras, pinturas, desenhos e charges. Em todos os seus aspectos, apostou na partilha das conquistas da pesquisa, com leitores e estudiosos de Mário de Andrade. Mereceu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes – APCA.

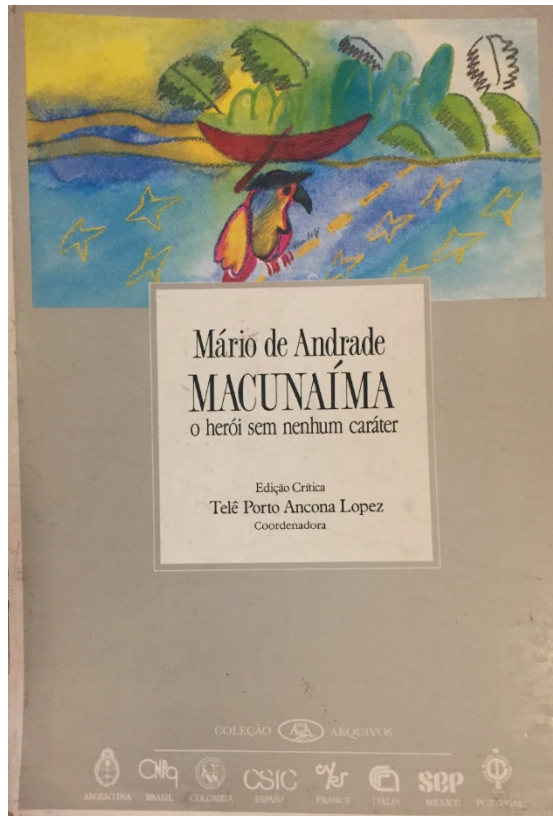
2. 1988: *MACUNAÍMA ARCHIVOS*, EDIÇÃO CRÍTICA INTERNACIONAL

Dez anos mais tarde, sai uma nova edição crítica de *Macunaíma*, na Coleção Archivos da Association Archives de la Littérature Latino-Américaine, des Caraïbes et Africaine du XX^e siècle – (ALLCA XX^e siècle). Projeto concebido pelo Prof. Amos Segala, em 1987, reuniu obras e autores de primeira plana. Teve como países signatários, França, Espanha, Itália, Portugal, Brasil, Argentina, Colômbia e México, cada qual representado por instituições científicas e pesquisadores renomados. Editada sob os auspícios da Unesco, no Comitê Científico Internacional da Coleção destacaram-se os nomes de Giuseppe Tavani (Itália), Louis Hay (França) e Antonio Candido de Mello e Souza (Brasil). As edições críticas d’*A paixão segundo G. H.*, romance inédito de Clarice Lispector, e da rapsódia de Mário de Andrade consumadas respectivamente por Benedito Nunes e por Telê Porto Ancona Lopez, marcaram o primeiro encontro da Coleção em Roma, outubro de 1988.

A Coleção Archivos teve o IEB-USP como campo de pouso e decolagem que lhe ratificou o aporte da crítica literária, da crítica genética, da filologia e da arquivística, simultâneo à interlocução com o Institut des textes et manuscrits modernes, do Centre national de la recherche scientifique (ITEM-CNRS). O respaldo financeiro foi-lhe assegurado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela instituição governamental francesa. Em 1993, Samuel Gordon, da Universidade de Pittsburgh, no artigo “La colección archivos y los cambios de paradigma en la crítica literaria latinoamericana” realça que as bases teóricas das edições foram evoluindo, ao longo dos anos, com a crítica genética e a estética da recepção (Gordon, 1993).

A segunda edição crítica de *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*, em 1988, tem a dedicatória: “A Antonio Candido, o Mestre”. Obedeceu a proposta estrutural e gráfica da Coleção Archivos que primou, nas capas dos livros, pela recriação plástica da obra na lavra de artistas contemporâneos. Vera Café, na predominância do azul, cor da plenitude para Mário de Andrade, uniu o papagaio guardião das frases e feitos de Macunaíma às estrelas refletidas no estuário do Uraricoera, entre as quais está certamente o herói que virou Ursa Maior.

FIGURA 1. CAPA DA ARTISTA PLÁSTICA BRASILEIRA VERA CAFÉ, 1988



Fonte: registro feito pelas autoras.

No livro de cinco partes, “I. Introdução” divide-se em “Liminar” de Darcy Ribeiro, no apanhado das direções mestras, e “Nota filológica Vontade/

Variante” pela coordenadora. “II. O Texto/*Macunaíma o herói sem nenhum caráter*” liga texto crítico a variantes alinhadas na margem direita e a notas no rodapé que as classificam na dinâmica da criação, elucidando-se na crítica genética. A “III. História do texto/Percorso e Percalços” recebe os críticos Alfredo Bosi e Silviano Santiago, a “Bibliografia comentada” por Diléa Zanotto Manfio, uma “Cronologia”, focalizando Mário de Andrade do nascimento em 1893 à morte em 1945, colateral a fatos pinçados na História do Brasil. Abriga, contíguo, o cabeçalho “Imagens”, com a fotografia agrupando retratos do escritor, a experiência dele como fotógrafo moderno e a parcela “Macunaíma: texto/livro”, para exibir fac-símiles de um primeiro momento conhecido da criação na marginália do romancista; um exemplo do corte no capítulo “As três normalistas”, anúncios, capas das edições em vida, o trecho “Entrada de Macunaíma”, aperitivo na *Revista de Antropofagia*, em maio de 1928 para o lançamento no mês seguinte. A parte “IV. Leituras do texto/Distanciamento e Aproximações” colige ensaios de Raúl Antelo, Maria Augusta Fonseca, Eneida Maria de Souza e Telê Porto Ancona Lopez. A contribuição substancial de “V. Dossier da Obra: Memória. O Texto e o Livro” abraça notas prévias e texto rematado de *Macunaíma*. Nessa parte, “Vínculos” sustenta-se na profusa marginália a grafite no volume II. *Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuna Indianer* (Stuttgart: Strecker & Schröder, 1924), fiadora da apropriação/transfiguração nos diversos capítulos de *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Beneficia-se de “Makunaíma und Piá”, o mito dos deuses gêmeos que relata a perda da perna pelo herói e metamorfoses em constelações, lidas por Mário de Andrade, sem anotar, no exemplar de *Indianermärchen aus Südamerika* (Jena: Eugen Diederichs), tiragem de 1927, em sua biblioteca. Continuando, os “Vínculos” apontam o contágio com o diário do Turista Aprendiz na viagem pela Amazônia, em 1927. Em “2. Notas de Pesquisa e Preparo”, uma seleção de notas prévias dá ao “Dossier” a minúcia do processo criativo quanto a leituras ou fontes, de 1926 a 1937. “3. Fac-símile dos Manuscritos” frisa, de imediato, o percurso da criação, tempo e textos, nos autógrafos de páginas das primeiras versões, de notas esteio no projeto estético e nos dois prefácios revelados pelo autor que até pensou em mais um, nunca posto no papel. Essa cogitação molda o item “4. Um prefácio desejado: 1929?”. Ao supor necessidades de um leitor que desconhece o Brasil, “5. Notas para a tradução norte-americana: 1930”, empenham-se no desembaraçar do tecido textual e indiretamente sublinham o projeto literário. O item 6 alarga-se nas “Considerações em cartas: 1927-1945”, “Considerações em entrevistas” de 1927 a 1944, em crônicas e na confiança extraída do diário íntimo. Constituem a

sétima separação no “Dossier” amostras das nove traduções de *Macunaíma*, finalizadas até 1987, eleito um parágrafo do capítulo “VI. A francesa e o gigante”. Em inglês, nos Estados Unidos, por Margaret Richardson Hollingsworth, E. A. Goodland e Larry Gordon; em espanhol por Héctor Olea e Carybé com Raúl Brié; no italiano por Giuliana Segre; em francês, alemão e húngaro por Jacques Thiériot, Curt Meyer-Clason e Pál Ferenc. O item “8. Jamachi” performa o glosário assinado por Diléa Zanotto Manfio; em “9. Bibliografias”, Darcilene Sena Rezende unifica as consultas dos colaboradores e de toda a edição.

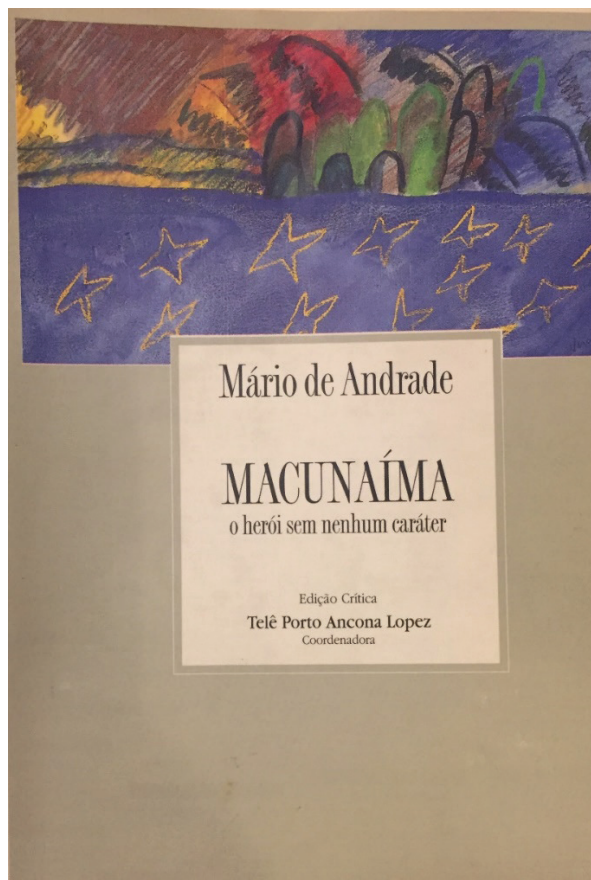
Recepcionando a segunda edição crítica de *Macunaíma*, publicada pela Coleção Archivos, Elisa Guimarães salienta no seu texto para *O Estado de S. Paulo*, em 1989, 25 de fevereiro: “Diferente de outros aficionados da crítica textual – os quais se autopremiam com o gozo da convicção de terem descoberto o melhor texto ou a ‘última vontade’ do autor –, a pesquisadora prefere isentar-se de tal pretensão. Atribui, antes, ao texto crítico em apreço a função de repositório de escolhas refletindo fases da vontade cambiante de Mário, e o define como ‘apenas mais um texto de *Macunaíma* para ser lido em confronto com os demais’”.

3. A SEGUNDA EDIÇÃO CRÍTICA ARCHIVOS

Em 1996, Vera Café pinta o céu de vigoroso azul cobalto, chão das estrelas douradas que se miram na água do Uraricoera, abrindo, na Coleção Archivos, a segunda edição crítica subscrita por Telê Porto Ancona Lopez de *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*, agora em sete partes, capa dura e papel-bíblia. Na primeira parte, Darcy Ribeiro atualiza sua “Liminar”, preambulando a “Introdução da Coordenadora” e o estudo, por ela, “Nos caminhos do texto”. Na segunda, há o estabelecimento da versão, das variantes e dos comentários que a esquadrinham. “III. História do Texto”, nos ensaios de Alfredo Bosi e Silviano Santiago e nos tópicos da “Bibliografia”, percorrida por Diléa Zanotto Manfio, a empreitada incrementa-se com outra “Cronologia”, na qual Tatiana Maria Longo dos Santos e Telê prendem excertos da produção do polígrafo. Essa contextualização encadeia “Imagens”, repartidas em “1. Retratos”, “2. Mário de Andrade fotógrafo” e “3. *Macunaíma*: Texto/Livro”. Em “IV. Leituras do texto. Distanciamento e Aproximações”, a crítica prolonga-se com Gilda de Mello e Souza, Haroldo de Campos, Ettore Finazzi-Agrò, Šárka Grauová, Héctor Olea e Pierre Rivas. Espraia-se em “V. Dossier” nas referências epistolares, nas considerações em um prefácio inédito de *Belazarte*, como também nas amostras das traduções de *Macunaíma* que saltam para dez, no parágrafo eleito do capítulo

“VI. A francesa e o gigante”. Em inglês, Margaret Richardson Hollingswort, E. A. Goodland e Larry Gordon; em espanhol, Héctor Olea e Carybé com Raúl Brié; em italiano, francês, alemão, húngaro e tcheco, na devida ordem, Giuliana Segre, Jacques Thiériot, Curt Meyer-Clason, Pál Ferenc e Šárka Grauová. O “Jamachi” por Diléa Zanotto Manfio forma “VIII. Glossário”. Como nas predecessoras, o desejo da edição crítica de compartilhar com leitores e estudiosos mariodeandradianos as conquistas de uma pesquisa em movimento distingue-se em “IX. Bibliografias”, a unificada dos colaboradores e a geral.

FIGURA 2. CAPA DA ARTISTA PLÁSTICA BRASILEIRA VERA CAFÉ, 1996



Fonte: registro feito pelas autoras.

No que concerne ao respaldo institucional para a edição *Archivos* 1988 e 1996, é mister ressaltar, na atuação do CNPq, o firme compromisso dos dirigentes, Profs. José Jobson de Andrade Arruda e Marisa Barbar Cassim, braços dados, na USP, com os Profs. Antonio Candido de Mello e Souza, no Comitê Científico Brasileiro da Coleção, Ruy Gama, na Diretoria do IEB; com Diana Mindlin, especialista gráfica, e Romulo Fialdini, fotógrafo, assessores convidados.

4. APREENDER E EDITAR *MACUNAÍMA*, UM TEXTO NO SÉCULO XXI

Em 2007, pesando a proximidade do ingresso da obra em domínio público, decorridos 70 anos da morte daquele que o século XXI reverencia como o Multimário, a família do escritor procurou reforçar o zelo quanto à integridade dos textos por ele produzidos. Representada pelo cunhado de Mário, Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo, taquígrafo e genealogista, desde a morte do escritor em 1945 até a própria em 1966 (e, em seguida, pelo filho, o engenheiro Carlos Augusto de Andrade Camargo), esse propósito guiava o contato com o IEB a partir da integração do Acervo Mário de Andrade à instituição em 1968 (Lana, 2010). Em verdade, prosseguia a vigilância sobre o contrato, de 1943, do autor com a Livraria Martins Editora, relativo às Obras Completas. Com o falecimento do editor José de Barros Martins, foram transferidos para a Editora Itatiaia/Vila Rica os direitos autorais dos títulos no contrato original e de outros derivados da pesquisa na área de Literatura Brasileira no IEB-USP, logo que o acervo começou a ser ali organizado.

Ao cessar o contrato com a empresa mineira em 2007, a Família aliou-se à editora carioca Nova Fronteira/Agir, cancelando a preparação, pela Equipe Mário de Andrade do IEB-USP, coordenada por Telê Ancona Lopez, de edições fidedignas dos títulos escolhidos na poligrafia mariodeandradiana e o acompanhamento da revisão até a boca do forno, o *imprimatur*. Na experiência das edições críticas do *Macunaíma* de 1978 a 1996, a equipe discerniu uma espécie de endez polivalente: a fidelidade ao projeto do escritor. Concebeu, então, um plano editorial avançado e abrangente, onde a fixação dos textos amparou-se nas edições em vida e nos manuscritos para aproximar-se do projeto do autor em cada título, em cada área, munindo-se da crítica genética, da filologia, da estilística, da arquivística, da história e de estudos específicos, como antídoto contra armadilhas. Dentre elas, a mais astuta: o depoimento/encenação de Mário a respeito da redação do *Macunaíma* em “seis dias”, ou menos, quando o arquivo dele acumula etapas de escritura. E a armadilha que tolhe a crítica na cobrança anacrônica, na idealização, no acreditar ingênuo.

A primeira leva do projeto Nova Fronteira/Agir/IEB-USP, 2008, lança o idílio *Amar, verbo intransitivo* e as crônicas d'*Os filhos da Candinha*, ao lado da rapsódia *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, em edições preparadas respectivamente por Marlene Gomes Mendes, João Francisco Franklin Gonçalves e por Telê Ancona Lopez com Tatiana Longo Figueiredo. No exemplar oferecido ao jornalista Paulo Zingg, em 1945, Mário de Andrade sacramenta o aposto quando acrescenta, a tinta preta, uma vírgula ao título – “*Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*”. Na edição de 2008, o texto estabelecido no confronto com as edições críticas resolveu desacertos e afiançou, na transcrição dos fac-símiles, a leitura nítida dos prefácios e notas de trabalho. É muito gratificante dizer que o acordo, em seus anos de duração, marca, indelével, a exigência ética da busca à fidelidade ao texto e aos projetos de Mário polímata. Nesse sentido, o presente artigo sublinha a compreensão companheira de Maria Cristina Antônio Jerônimo, discípula de Cleonice Berardinelli, no circuito da produção dos livros no Rio de Janeiro.

A chegada do domínio público para os direitos autorais do escritor acentuou, na Equipe Mário de Andrade do IEB-USP, a preocupação com a responsabilidade de respeitar o direito do leitor ao texto confiável. Em 2018, lembrada a alta qualidade das seletas de poesia, conto e crônica brasileiras (no caso da poesia, também a portuguesa), capitaneadas pela escritora Edla van Steen, na Global Editora, o IEB-USP conveniou com essa casa, no ano seguinte, a publicação do inédito de Mário de Andrade, *Aspectos do folclore brasileiro*, organizado por Angela Teodoro Grillo e, em 2023, a de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, no trabalho das pesquisadoras que costuram jubilosas, para a ressuscitada revista *Escritos*, estes retalhos de uma pequena história. Para o selo da Global, no retomar do *Macunaíma* nonagenário e confirmado em suas proposições modernas na discussão do centenário do modernismo brasileiro, as pesquisadoras, conscientes do privilégio da incumbência e do cabedal da obra, intentaram uma edição fidedigna, na qual se descortinasse o projeto estético, ideológico e linguístico moderno de Mário de Andrade. Para assentar o texto, confrontaram versões em manuscritos e impressas durante a vida do escritor, fragmentárias e completas, de 1926 até a morte dele em 1945, versões nas edições críticas e versões apuradas. Passados 95 anos do início do processo criativo de *Macunaíma*, a edição, dedicada à memória de Antonio Candido e José Aderaldo Castelo, aprecia os caminhos da criação e da crítica, no intuito de expandir a leitura de uma obra que estimula a reflexão sobre a “entidade nacional dos brasileiros”, conforme a lucidez dos prefácios mariodeandradianos. Na montagem, “Varanda” é o sumário para o texto estabelecido da rapsódia e “Macunaíma/

Macunaímas”, o ensaio que, de acordo com o projeto literário do escritor, focaliza documentos remanescentes da criação da rapsódia, desde a primeira versão conhecida, versão fragmentária nas margens do lendário indígena recolhido por Theodor Koch-Grünberg em *Vom Roroima zum Orinoco*. Essa fonte primordial da criação, garimpada na biblioteca do romancista, junta-se a outros documentos nos arquivos da criação que historiam etapas, percalços, definições. “Varanda” aponta, depois, o “Dossiê *Macunaíma*” subdividido nos tópicos – “Matrizes da criação”, “Manuscritos de *Macunaíma*”, “Arquivos da criação”, compostos de “Fragmentos da correspondência de Mário de Andrade sobre *Macunaíma*” e de dois comentários que o autor assinou em periódicos. São eles a carta-aberta “A Raimundo Moraes”, no *Diário Nacional*, São Paulo, 20 de setembro, 1931, e “Notas diárias”, com *nuance* de um novo prefácio, em *Mensagem* (Quinzenário de Literatura e Arte), Belo Horizonte, 20 de julho, 1943. Nos “Arquivos da criação”, comparecem documentos fac-similados e em transcrição: os paratextos, as primeiras versões, prefácios inéditos, na retomada da criação em notas prévias e exemplares de trabalho, a perspectiva de novas edições, nos anos de 1930 e em 1945. Nos exemplares de trabalho, as rasuras, fundindo-se à parte impressa, edificam novas versões. Nos “Arquivos da criação”, feitos de fac-símiles de capas e matérias em páginas de livros, é Mário de Andrade quem testemunha: matrizes, projeto, empenho; quem acena a temporalidade da criação e as próprias contradições. “Crítica” seleciona abordagens jornalísticas na recepção das três edições de *Macunaíma*, consumadas na vida do autor. Reúne o próprio Mário de Andrade, anônimo, desvendado pelo professor José de Paula Ramos Júnior, o crítico literário Tristão de Ataíde (1893-1983), o modernista Oswald de Andrade (1890-1954), João Ribeiro filólogo e crítico (1870-1934); aviva-se na participação da ensaísta Leyla Perrone Moisés.

REFERÊNCIAS

- GORDON, Samuel. La colección archivos y los cambios de paradigma en la crítica literaria latino-americana. *Revista Iberoamericana*, [s. l.], v. 158, n. 159, 1992. In: GORDON, Samuel (Intr. e Ed.), *La Colección Archivos: hacia un nuevo canon*. Colección Archivos, 1993. p. 11-19.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte (Org.). *Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2010. p. 196-201.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. Travessia de uma edição crítica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 de fevereiro de 1979. Suplemento Cultural.